

Claudio Tozzi e a **Arte** Pensada

Guido Arturo Palomba

Seu estúdio fica em uma praça arborizada, agradável.

O local de trabalho é organizado, com clareza natural, silencioso.

Dizem que uma biblioteca espelha o seu criador; uma casa, o seu morador.

Se assim for, então um ateliê espelha o artista.

Claudio Tozzi antes organiza as idéias para depois colocá-las em prática. Sua arte é construtivista, no sentido de pensar a construção e isso relaciona-

se, em paralelo, com a sua formação, Arquitetura. Assim se expressa: “Cada linha é estudada, cada plano é pensado, uma cor depende da outra, e as soluções são buscadas em referência a elas mesmas”.



Cidade, acrílica sobre tela, 50 x 70 cm, 1984, coleção particular

As obras de Claudio Tozzi têm dois temas recorrentes: cidades e escadas, nos quais não há seres humanos, plantas, nenhum tipo de vida. No primeiro, projeta o macrocosmo, áreas urbanas que foram ocupando espaços formando a sua própria geometria. O segundo, escadas, é o microcosmo, puramente intimista, com passagens e caminhos, nos quais a sombra e a luz aparecem intensamente. Ambos os temas são simbólicos, pegam o observador como se estivesse assistindo a um filme e acabasse nele imanente, participe do enredo. Quando “volta a si”, percebe que, no fundo, estava, isto sim, dialogando proativamente consigo mesmo.

Voltando aos detalhes da tela, trocando a imaginação pela sensopercepção, o observador notará que não existem pinceladas ao sabor da intuição.

Os planos, as dimensões, as perspectivas, as linhas e as curvas são construídos obedecendo a um projeto inicial. Então entram as cores, lindas, para dar o efeito ótico completo.

A técnica é muito refinada: a velatura da superfície é por sobreposição de tintas, aplicadas com pincéis tradicionais e originais. Estes, em forma de multitufo, que, em verdade, são pinos de borracha, ao serem molhados na tinta e aplicados à tela, formam retículas, dando a estrutura reticulada (nada a ver com pontilhismo), belíssima, sua inconfundível marca própria.

Seu *curriculum vitae* é vasto: exposições em várias Bienais de São Paulo, prêmio aquisição do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, exposição na Bienal de Veneza (1976), no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), no Museu de Arte de São Paulo (Masp),

participou de várias mostras internacionais, na Colômbia, Argentina, Nova York, Havana, Japão, França etc. E, de modo muito significativo, Claudio Tozzi realizou importantes obras públicas em São Paulo, entre elas, Painel Zebra, na Praça da República, Painel na Estação Sé do Metrô e, na Estação Maracanã, no Rio de Janeiro. No momento, trabalha em um projeto de painel para decorar o prédio da ONU, em Brasília (no qual usará vidro e tinta especiais a serem fundidos perto dos 1.000 graus). Atualmente, seus trabalhos urbanos, que tem grandes dimensões, estão nos viadutos e pontes da Av. 23 de Maio, Av. Rubens Berta e Av. Bandeirantes. Cada conjunto tem matizes de uma só cor, especialmente escolhida para se harmonizar com a região. O que fica à altura do Túnel Ayrton Senna, na Av. 23 de Maio, é verde, devido ao Ibirapuera, suas árvores e seus gramados. Uma beleza.

A Associação Paulista de Medicina tem a satisfação de expor doze obras inéditas de Claudio Tozzi, na Pinacoteca Ernesto Mendes, cuja mostra estará aberta à visitação pública, de 22 de junho a 22 de julho.

Guido Arturo Palomba
é Diretor Cultural da
Associação Paulista de Medicina

Oração de um homem velho

Original: Bob Richards

Tradução: Hudson Hubner França

– Com licença, Doutor, posso morrer?
Sei que seu juramento o obriga a lutar
enquanto um pouco de vida
em mim perdurar.

Sei que você deve usar
tudo que sabe e a ciência lhe deu.
Você tem marca-passo, respirador,
drogas, sondas, desfibrilador,
mil coisas que não deixam meu coração
parar
nem que me falte o ar.

Mas, Doutor, já passei dos oitenta...
Meus filhos cresceram,
amigos morreram,
minha mulher, enterrei.

Trabalhei, amei, sofri.
Vivi muito, vivi... Quero agora dormir.
Que mais posso querer na minha idade
senão
o conforto de morrer com dignidade?

Seus motivos são nobres, eu sei.
Você cumpre um dever.
Mas, leia em meus olhos
e escute em meu coração
o que meus lábios já não podem dizer.
– Com licença, Doutor, posso morrer?

Ainda é tempo

Mário Albanese

Qualquer curioso e interessado em música popular brasileira saberia responder à seguinte pergunta: quem é o autor de “FEITIÇO DA VILA”, “CONVERSA DE BOTEQUIM”, “FEITIO DE ORAÇÃO”, “PRÁ QUE MENTIR”, “TARZAN, O FILHO DO ALFAIATE”, “CEM MIL-RÉIS” e “MAIS UM SAMBA POPULAR”?

Para os menos avisados, a resposta vem pronta e sem hesitação: Noel Rosa. Sim, porque para os cariocas o samba nasceu em Vila Izabel, no Rio de Janeiro, justamente onde nasceu Noel. Ocorre que o autor das músicas enumeradas acima foi OSVALDO GOGLIANO, de pseudônimo artístico VADICO, tendo NOEL ROSA como letrista. Não conseguimos entender esse mórbido prazer que os programadores de música têm de omitir sistematicamente o nome do VADICO quando da apresentação dessas composições. Que os poetas e letristas encontrem facilidade de rima para a palavra NOEL é muito justo, mas que esqueçam o VADICO é absolutamente inaceitável. Outro dia, ao assistir a um comercial de TV feito com a música “CONVERSA DE BOTEQUIM”, a propaganda dizia: “Como diz o samba de Noel...”; mais uma vez o VADICO foi esquecido. Tudo isso revela que o pessoal que trabalha na programação de músicas das emissoras está preguiçoso e desinformado.

VADICO nasceu em São Paulo, no bairro do Brás, filho de imigrantes italianos, em 24/6/1910. Além de compositor, foi regente, arranjador e instrumentista de grande valor (piano), tendo estudado com Mário Castelnovo-Tedesco. Em 1940, viajou com a orques-

tra de Romeu Silva para os Estados Unidos para atuar mais uma vez no pavilhão brasileiro da Feira Mundial de New York, onde gravou transmissões para o Brasil na National Broadcasting Co. (NBC). Com o encerramento da Feira, seguiu para Hollywood, onde trabalhou na gravação das músicas do filme *Uma noite no Rio*. Seu samba “Ioiô”, que teve letra de Nestor Amaral, foi incluído em um filme da Universal Pictures. Ainda nos Estados Unidos, integrou-se ao “Bando da Lua” como pianista, fazendo também orquestrações

para filmes em que aquele conjunto atuava, como: *Aconteceu em Havana* e *Minha secretária brasileira*, além de outros. Convidado por Walt Disney, musicou o desenho de longa metragem *SALUDOS AMIGOS*, em que o personagem Zé Carioca aparece como símbolo do Brasil. Depois de apresentar-se com Carmen Miranda e o Bando da Lua, passou a integrar grandes orquestras americanas. Em 1949, entrou para a companhia da famosa bailarina Katherine Dunham, na qualidade de regente de orquestra, excursionando pela Europa, Estados Unidos e América do Sul. Ao deixar a companhia de Katherine Dunham, trabalhou com uma orquestra cubana em New York durante três anos, para retornar ao Brasil definitivamente em 1956. No Rio de Janeiro, depois de trabalhar como pianista e arranjador



de estúdio, foi Diretor da TV-Rio. Morreu em plena atividade em 11/6/1962, no mês em que completaria 52 anos. Na sua atividade como compositor, seus principais parceiros foram Noel Rosa e Marino Pinto, este último, letrista de “Prece”, que Vadico considerava sua obra-prima. Pelo que se pode concluir, OSVALDO GOGLIANO – “VADICO” – foi muito importante para a música popular do Brasil. Continuar ignorando sua efetiva participação nos diversos campos da música é agir com má-fé e impedir o público de conhecer uma alma nobre, que morreu sem ressentimentos por ter sido tão ignorado em vida como agora, depois de morto.

Mário Albanese
é maestro

Conto médico-policial

Trottoir

Vicente Amato Neto
e Jacyr Pasternak

Na carreira de uma prostituta (sim, a mais antiga das profissões tem o que se pode chamar de subida ou descenso profissional, como nos melhores modelos que usam os especialistas de relações humanas, incluindo o que eles denominam ascensão horizontal e vertical – a horizontal deve ser mais proeminente no caso), há uma técnica que é utilizada ou no começo de seu ofício ou bem no fim, o *trottoir* – a moça (ou o bicha) passeia em local onde vai ser vista pelos possíveis clientes, expondo os seus dotes físicos e aguardando que o mercado as solicite.

Medicina também conhece este truque – médicos que ficam no saguão de um hospital privado (ninguém faz isso em hospital público) dando pinta de atarefados doutores, aguardando que alguém os convoque. Tradicionalmente, dividem parte dos rendimentos com o escriturário do Pronto-Socorro e com a moça que atende ao balcão de internação – os funcionários recomendam o ilustre facultativo para quem não tem médico ou está em dúvida quanto a escolher um:

— O doutor Arnulfo é ótimo para este tipo de problema, e o senhor está com sorte: acabei de vê-lo ali no saguão. Ele é muito ocupado, mas se o senhor quiser, eu o chamo pelo celular e ele vai lhe atender – e tenho certeza de que o senhor vai ficar muito satisfeito.

Satisfeito ficava o funcionário, com um reforço salarial – e, afinal de contas, por que não indicar alguém que reconhece o duro trabalho de atender o público? Até porque para alguns grandes hospitais privados o que vale não é

o médico, mas a marca da casa – como disse um dos próceres de nosocômio deste tipo, médico é que nem sal: branco, barato e dá para comprar em qualquer esquina.

O Arnulfo tinha se formado na Faculdade de Medicina de Piaçaba, onde só não entrava quem não tinha verba para pagar a mensalidade e só não saía quem morria durante o curso – e provavelmente ainda assim ganhava o título póstumo de Doutor em Medicina.

Quando o Arnulfo se formou, percebeu que não sabia quase nada e não se abalou: afinal, 90% ou mais dos problemas médicos de consultório se resolvem com um pouco de bom senso, sem necessidade de aprofundados conhecimentos de fisiopatologia ou de outros palavrões grafados por prefixos e sufixos greco-romanos. Nisso ele estava certo. Porém, quando se trata de paciente que procura hospital, a coisa não é bem assim, e lacunas no conhecimento podem ser muito difíceis de consertar, especialmente para quem quer exercer a profissão sem aquela amolação de ter que ler, estudar e coisas que tais, pois o Arnulfo tinha mais o que fazer, como, por exemplo, cantar aquela auxiliar de enfermagem do quarto andar que, como diziam, dava para todo o mundo. O Arnulfo chegou a reclamar para um colega:

— Vai ver que eu sou marciano, porque só pra mim a Elena não dá.

Esperto, o Arnulfo traçou um método que considerou infalível. Maior que qualquer outra emoção na alma do médico, fala a vaidade. Vaidade profissional – o que o médico mais gosta é

de obter o respeito, os elogios e a apreciação dos colegas. Quanto mais famoso e importante o doutor, mais isso fica evidente. Medicina e Cirurgia, particularmente a Cirurgia, são profissões de Egos gigantescos. Se Ego ocupasse lugar, ninguém conseguiria entrar em determinados hospitais, e, sobretudo nos universitários mais em foco, por falta de espaço. No saguão do hospital, onde o Arnulfo *trotteava*, passavam os melhores e mais famosos profissionais da Clínica, da Cirurgia e de todas as especialidades. Era muito fácil: o Arnulfo primeiro arrumava um doente e, depois, esperava passar pelo saguão, agarrando-o, o médico que ele achava adequado para tratar do que o paciente poderia ter. Então, dizia:

— Professor, que bom que nos encontramos. Estou com um super caso e acho que só o senhor, do sumo da sua sapiência, pode me ajudar a resolver. Trata-se de...

Quase todos ilustres esculápios não resistiam à bajulação. Analisavam o caso, recomendando exames e explicitando tratamento. Quando o caso era muito cabeludo, o Arnulfo, após agradecer, pedia para o colega participar da condução do caso e gradativamente saía da cena médica, deixando que quem entendia do assunto fizesse o que devia ser feito.

Saía da cena médica, mas continuava visitando o doente duas vezes por dia, para “dar apoio e fazer a parte humanística da Medicina”. Logicamente, mandava a conta.

Às vezes, o Arnulfo arriscava dar uma de *free-lancer*, nos casos que ele tinha cer-

teza que não iam causar problema. Em geral dava certo, mas às vezes... Por exemplo, um dia chegou um paciente em pânico no dito cujo super hospital privado e foi direto ao Pronto-Socorro. Reclamou quando disseram que tinha que esperar, falou que estava morrendo, que era uma emergência emergentíssima e conseguiu passar na frente da fila dos esperantes. Afinal:

— Fui mordido por uma cobra! Estou tremendo todo, estou com febre e dor em todos os músculos; vão me deixar morrer aqui na porta?

O plantonista de Clínica fez uma história rápida e explodiu:

— Quem deixou esta besta passar na frente, com mordida de cobra há um mês! Qual é o tipo de veneno de cobra que começa a fazer efeito um mês depois? E vocês deixaram um enfarto aguardando. Diz pro rapaz da recepção arrumar um médico à altura deste cretino — pega o Arnulfo, que é quem esta zebra merece.

E lá foi o Arnulfo ao Pronto-Socorro, convocado pelo rapaz da recepção que ficou surpreso por ser do conhecimento geral sua relação com o médico e o costume dele ficar pescando pacientes no saguão. Surpresa só dele: se há algum lugar em que todo o mundo sabe da vida e dos segredos de todo o mundo, este é um hospital. Qualquer hospital, público ou privado.

O Arnulfo tirou a história. O paciente, rico — podre de rico —, tinha ido caçar na África do Sul, num safári. Aquele passeio em que você, com uma super espingarda de mira telescópica, mata um bicho indefeso a quilôme-

tros de distância, sem o menor risco — há uma cota e você paga por bicho assassinado. Depois do bichicídio o animal é retalhado. A cabeça é empalhada ou embalsamada, virando troféu. O resto fica para o equivalente africano do urubu, que curiosamente é um bicho da família das cegonhas — deve ser a cegonha que traz ao mundo gerais como Videla e Pinochet. Ao se apoiar num arbusto para dar um tiro num búfalo do Cabo (búfalo não é bule e não tem cabo; o Cabo aqui se refere à Província do mesmo nome na África do Sul), uma cobra mordeu o cidadão no ombro. Ele entrou em pânico, conseguiu errar o tiro, o búfalo se mandou e o pessoal do safári explicou que aquela cobra provavelmente não era venenosa. A única recomendação foi revacinar contra o tétano. Nosso milionário ficou tranqüilo, até que 33 dias depois, já no Brasil, com os troféus empalhados devidamente pendurados na parede de uma sala, ao sair com outro troféu, sua jovem esposa apaixonadíssima por ele, como não é raro aconte-

cer com moças de 24 anos casadas com ricos senhores de 50, começou a sentir tremores, calafrios, cefaléia e encasqueitou que estava com sintomas tardios de envenenamento por uma mamba, ou naja, ou qualquer outra cobra exótica. O paciente estava indignado com o aparente pouco caso com que havia sido tratado no Pronto-Socorro — ele disse para o Arnulfo que estava pensando seriamente em levar esta negligência ao SAC (Serviço de Atendimento ao Cliente). O Arnulfo atalhou:

— Seu Benevides, não sei se isso vale a pena, o SAC, como todos os SACs, é um saco, vai dar trabalho para o senhor e, afinal, acabaram enviando o senhor para o cara certo, que é este seu criado e obrigado.

Cara de pau o Arnulfo, porque ele não tinha a menor idéia do que estava sucedendo com o doente. Contudo, ele sabia que o doutor — nosso velho amigo de outras histórias, agora já aposentado e se dedicando mais à clínica particular — tinha dois pacientes internados no hospital. Dali a pouco iria passar sua visita —

era só entocar o doutor, pedir uns palpites e, mais uma vez, caso resolvido. Portanto, o Arnulfo disse que, de fato, poderia ser algo relacionado à picada da cobra, que se tornava necessário o paciente ser internado e que ele precisaria de muitos exames. Iria queimar as pestanas ele provavelmente, muito provavelmente, quase que certamente, levaria o paciente à cura.

Enquanto o doutor não chegava, o Arnulfo pediu exames. Grande quantidade de exa-



mes. O cara do laboratório não se conteve:

— Quem é este alimária que pediu dosagem de veneno no plasma? Que veneno? E desde quando dosamos algum tipo de veneno neste laboratório?

Naturalmente, quando ligou para o ilustre facultativo, não o achou: ele estava no saguão contando a história para o doutor. O doutor pensou e disse:

— Arnulfo, nenhuma cobra tem veneno de efeito retardado. Dando febre... você mediu a febre? E o exame físico, que mais que tinha?

O Arnulfo ficou com vergonha de descrever o seu sumarríssimo exame físico e pediu ao doutor:

— Mestre, conto com sua sapiência para ajudar esse pobre paciente. O senhor veria o caso comigo?

O doutor pensou com seus botões que se o paciente fosse pobre o Arnulfo não estaria tão interessado – o doutor, como todo o mundo do hospital, sabia do método arnulfico do exercício da Medicina. Mas como o paciente não tinha culpa de escolher aquela criatura como médico, lá foi o doutor vê-lo. Fez um exame físico, uma história decente e entendeu o que estava acontecendo. Essencialmente, um mês depois de voltar da África o paciente desenvolveu febre alta, dores musculares e dor de cabeça. No exame clínico havia exantema macular e papular delicado, aumento dos gânglios linfáticos, estando presente na perna uma pequena úlcera escura, que o paciente dizia ter sido devido a uma picada de carrapato. Quadro típico de febre botonosa (não Arnulfo, não foi porque o paciente engoliu um botão), rickettsiose transmitida por carrapato. É doença em geral sem grande gravidade e passível até de cura espontânea ou de cura com médicos do calibre do Arnulfo, o que vem a dar no mesmo. Com antibiótico apropriado o paciente sara mais depressa, como sarou este, con-

victo de que o mérito principal era do Arnulfo, sendo o doutor mero coadjuvante.

O doutor explicou para o Arnulfo como é que o paciente adquiriu a doença, típica da África, havendo transmissão por carrapato. O Arnulfo não ficou convencido da coisa e perguntou:

— Doutor, e a picada da cobra?

— Arnulfo, cobra dá problema na hora ou pouco depois. Nada tem a ver com o caso. Mesmo cobra venenosa pode estar com pouco veneno nas glândulas, isso sem falar no monte de cobra que tem por aí que morde, mas não é venenosa. Esquece a cobra.

O Arnulfo não esqueceu. Afinal, quem mata a cobra mostra o pau e ele ficou convencido de que o doutor estava mesmo é sacaneando ele, Arnulfo, só para ter menos concorrência. O Arnulfo soubera pela rádio peão – a tal que divulgava tudo num hospital, fazendo com que todos saibam da vida de todo o mundo – que o doutor algumas vezes fizera alguns comentários menos elogiosos ao seu sistema de fazer Medicina.

Passaram-se meses, o doutor tirou suas merecidas férias e ao voltar ao hospital comentou com um colega:

— Gozado, o Arnulfo estava sempre aqui no saguão, rondando e tentando pescar pacientes... será que também tirou férias?

O colega exclamou:

— Você não sabia?!

— Sabia o quê?

— O Arnulfo morreu, doutor – o enterro foi há uma semana.

— Morreu de quê? Enfartou?

— Não, doutor, antes fosse. O Arnulfo morreu por causa de uma piada do Paulo, um dos raros casos que conheço de piada fatal.

O Paulo é um excelente cirurgião e um gozador terrível, o que não o torna muito popular entre a classe cirúrgica de pele reconhecidamente muito fina

para brincadeiras em cima dela. O doutor, curioso, perguntou:

— Mas como é que foi que aconteceu?

— Pois é, doutor, o Arnulfo estava por aqui mesmo, lançando a rede, quando a menina da recepção enviou para ele um caso daqueles: paciente com febre só na metade direita do corpo, acompanhada de passeios de vermes (desenhados pelo paciente) só na outra metade, a tal que não tinha febre. O paciente estava com uma pilha gigantesca de exames e achava que seu caso era cirúrgico, precisava que um artista do bisturi retirasse os tais vermes.

— Bem, e depois?

— Depois o Arnulfo, como de costume, internou o paciente e pediu para o Paulo ver o caso. O Paulo foi, percebeu que se tratava de um maluco e, pior que isso, maluco perigoso. Quando o Paulo insinuou que possivelmente os sintomas eram gerados na mente do cidadão e uma consulta psiquiátrica era recomendável, o homem perdeu a compostura, berrou, gritou, disse que se mais alguém falasse isso ele matava.

— E então?

— Então o Paulo saiu do quarto e disse para o Arnulfo, que aguardava lá fora, ter convencido o paciente a procurar um psiquiatra. Bastaria o Arnulfo reforçar a sugestão. O Arnulfo entrou no quarto, ouviu-se uma série de uivos, um tiro, *finis...* pobre Arnulfo...

**Vicente Amato Neto
e Jacyr Pasternak**
são professores de Medicina

Crônica a um colega

Carlos Alberto Pessoa Rosa

Hoje reencontrei o Luiz. Em Porto Alegre. Estranho dizer isso tanto tempo depois... Encontrava-me perdido. Procurava a saída para São Paulo e caía na estrada que levava à Argentina. Para fugir da armadilha, saí por uma marginal. Sobrou um belo congestionamento. Assim que surgisse um posto de gasolina, pararia para reabastecer e obter informações. No primeiro farol, percebi-me sem o carro. Procura ali, procura aqui, e nada. Aquela sensação estranha de quando se é roubado. Uma mulher, sotaque sulino, foi logo me dizendo: Roubaram sua cadeira de rodas. Roubaram o quê? Eu estava em um carro, e não em uma... Adiantaria explicar? Fugí daquela bagunça surrealista e parei em uma rua estreita e calma. Teria enlouquecido? Não!? Também haviam levado a carteira. Lembrei-me vagamente de uma reportagem que falava de mulheres que batiam carteiras nas ruas de Porto Alegre. Sem carro e sem carteira, restaram as pernas. Um restaurante italiano alertou-me para o estômago. Ou foi a víscera faminta que me alertou para a existência de uma casa de pasto? Com fome e sem dinheiro. Entrei mesmo assim. Qual não foi minha surpresa ao reconhecer o chefe da cozinha. Era ele, o Luiz, italiano desengonçado, corpo sempre pendente, agitado, e calvo. Veio logo me trazendo uma massa preparada com nozes. Deliciosa... Lambi os lábios. Tinha na minha frente um verdadeiro *cordón-bleu*.

Como é pequeno este mundo! Lá estava meu ex-aluno, não sei se posso dizer de corpo e alma, trajado ao caráter que a profissão exigia: uniforme todo branco, a cor do candidato, da manifestação do Deus, da transfiguração, e com mandril e barrete. Tão distraído fiquei, vendo-o trabalhar, e de-

pois com o movimento da casa, que não percebi que nosso cuca havia deixado de distribuir a papa. Fui encontrá-lo em um cubículo onde mal cabia uma cama e uma prateleira com livros. Lá estava o Luiz, corroído pela raiva. Apesar do sucesso dos pratos que preparava, os proprietários não estavam dando o devido valor a seu trabalho. Um dos donos, um sujeito baixo de cabelos negros ondulados e esvoaçados, tentava convencer o Luiz de que o problema havia sido resolvido. Expliquei ao mirrado quem era o profissional que estava na frente dele, que não era nenhum desses falsos padres que vagam pelas paróquias e que nada sabem sobre rezar missas, ou do sofrimento humano. O Luiz não só sabe cozinhar muito bem, como é um excelente mestre-cuca da medicina: que alguém tenha uma parada no restaurante para vocês verem do que ele é capaz. O sujeito ouvia-me calado e surpreso. Ele sempre manteve um longo enamoramento com os segredos da cura, aprendeu a talhar os segredos da medicina como o pai, a madeira. Foi construtor, juntou todo o dinheiro possível para, amadurecido, formar-se médico. Trazia a inspiração criadora e artesanal do velho, um italiano que vi gravando os desenhos da porta da casa que seria do filho. Quando parou para que eu visse o resultado, percebi a paixão que jogava naqueles desenhos que quase falavam. Com essa paixão absorvida do pai, o Luiz foi meu aluno e, depois, professor. Ele sempre soube cativar e motivar os discípulos. Educador no sentido intuitivo da palavra, ele guiava; tirava mais que oferecia. Um gramatista da medicina, se assim posso dizer.

Acalmados os ânimos, o Luiz de volta ao salão, pensei em ir para um hotel,

a questão do dinheiro era passado, do carro também, o proprietário deu-me um bilhete do estacionamento onde ele se encontrava, no dia seguinte conheceria a casa do Mário Quintana... Saí do restaurante pensando nos possíveis defeitos do Luiz. Talvez sua compulsão pelas mulheres bonitas. Tinha um sorriso reservado só para elas. Confessou-me que puxara o avô. O homem levava um caminhão de cebola para vender em Curitiba e parte do dinheiro usava para fechar o bordel. Pensei escrever um conto com essa história, mas o tempo só me devolveu essa lembrança agora. Eterno apaixonado pelas mulheres que o rodearam, falava com orgulho da beleza de todas, mas a da filha tinha um lugar todo especial dentro dele. Saí pensando na última mulher de sua vida, também minha ex-aluna, mais jovem que ele, foi fazer residência na escola onde me formei, na Santa Casa de São Paulo. Fez-me lembrar de alguns amigos com os quais eu dividia a mesa de anatomia: o Guilherme, o Nelo, o Gastão, o Barradas... Sem o saber, o Luiz ensinou-me a descobrir a saudade dos amigos.

O nome do Luiz? Luiz Fiorelli. Não, não vou dizer o local onde ensinava; como escritor, universalizarei a idéia: nenhuma escola dará valor a um professor como o Luiz. Hoje o Fiorelli vive nesse ponto onde visível e invisível marcam um novo início. Ele me visitou em corpo e alma, vestindo a cor da sabedoria, muito depois de sua morte súbita na solidão de um box de banheiro; surreal, mas é a mais pura verdade.

Carlos Alberto Pessoa Rosa
é médico e escritor

Olhos verdes

José Carlos Barbuio

São uns olhos verdes, verdes:
Uns olhos de verde-mar,
Quando o tempo vai bonança;
Uns olhos cor de esperança,
Uns olhos por que morri;

.....

Como duas esmeraldas,
Iguais na forma e na cor,
Têm luz mais branda e mais forte,
Diz uma – vida, outra – morte;
Uma – loucura, outra – amor.

.....

São verdes da cor do prado,
Exprimem qualquer paixão,
Tão facilmente se inflamam,
Tão meigamente derramam
Fogo e luz do coração;

.....

São uns olhos verdes, verdes,
Que podem também brilhar;
Não são de um verde embaçado,
Mas verdes da cor do prado,
Mas verdes da cor do mar.

.....

Viagem

Paulo Bomfim

Em rios que fui descendo
Na proa de meu destino,
As lembranças acordaram
Meus acordes de menino.

Conduzi nas corredeiras,
Além do bem e do mal,
A saudade galopando
No verde do cafezal.

Voltei nas voltas do mundo,
Soltei as rédeas da lenda,
E os manacás perfumaram
As varandas da fazenda.

Na rede branca da lua
Adormeci meu reinado,
Meu poncho tornou-se manto
Com diamantes da geada.

Do sumidouro da noite
Você chamou por meu nome,
A água virou miragem,
A vida, rio que some.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Alfredo de Freitas Santos Filho

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] / Carlos Alberto Salvatore /
Antônio Valdemar Tosi / Marisa Campos M. Amato / Rui Telles Pereira / Yvonne Capuano / João Marques Teixeira

Cinematoteca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira